

Iniciativa Imagine Brasil

Síntese do Diálogo com indígenas e povos tradicionais

A iniciativa Imagine Brasil tem como objetivo mobilizar lideranças de diferentes segmentos da sociedade, visando contribuir para o Brasil encontrar caminhos para o seu desenvolvimento. Esta etapa do projeto prevê a realização de reflexões e diálogos com representantes desses setores.

Após o evento de lançamento do projeto, ocorrido em agosto de 2021, já foram realizados oito Diálogos – envolvendo discussões com lideranças dos segmentos de Educação, Defesa e Segurança Pública, Meio Ambiente, Lideranças Sociais, Empresários, Esportistas, Economistas e Jornalistas.

Este é, portanto, o nono encontro da série Aspiração para o Brasil, que foi realizado em 14 de março de 2022 e contou com a participação de Almir Narayamoga Suruí, Francisco Ademar Cruz, Maria Baré, Milena Kokama, Rosemere e Takumã Kuikuro.

Os participantes foram convidados a refletir sobre o Brasil e a compartilhar suas visões sobre o contexto histórico de suas áreas e sobre seus anseios e sonhos para o país até 2030. O objetivo dos Diálogos é ampliar a escuta dos brasileiros e buscar possíveis convergências para se fazer a ponte entre aspiração e performance, que é onde o sonho se transforma em realidade.

.....

Destaques

- Esse sonho de uma vida melhor pode ser pensado sempre respeitando a floresta e todas as riquezas que a natureza nos oferece.
- Não podemos ver o meio ambiente como o inimigo – pelo contrário, pois ele é um grande parceiro para que a nação desenvolva seus potenciais.
- Nós, os povos indígenas, estamos sempre à disposição para ajudar a realizar o sonho de fazer do Brasil um país sustentável e exemplar.
- Se for preciso, nós daremos a nossa própria vida e faremos jorrar nosso sangue para garantir que a terra seja de todos.
- A sociedade precisa criar uma força-tarefa que inclua os povos da floresta e os governantes, para mudar as coisas nos territórios indígenas.
- Tudo isso machuca a nossa alma, que não para de chorar vendo as crianças nascerem com deformidades devido ao mercúrio na água.

- A ganância está nos matando, e os governos dizem que tanto faz, pois o importante é o agronegócio. O agro é pop, mas ele é assassino também.
- Somos um dos coletivos de cinema aqui no Xingu e produzimos audiovisual, usando-o como luta, educação e memória do povo.
- Nossos rios, nossas florestas e nossas posses estão sendo disputados com quem está governando. Esse momento parecia ter passado.
- Temos de lutar para ter uma escola e uma faculdade na própria comunidade, com energia e internet, pois hoje as pessoas precisam disso.
- Precisamos também estar presentes nos conselhos municipais e estaduais para ocuparmos espaços de tomada de decisão.
- Temos de pensar também na questão do consumo consciente.
- Nosso sonho é conseguirmos ter um desenvolvimento sustentável e responsável para os povos indígenas.
- Nos últimos anos, especialmente nós, as mulheres indígenas, estamos sendo atacadas e tendo nossos direitos violados.
- Há uma experiência interessante no Xingu que merece registro. É o Plano de Consulta, criado pelas lideranças dos 16 povos da nossa região.
- Temos de lutar contra os que tentam entrar no nosso meio, como madeireiros e garimpeiros.
- Ao fazer os planos para 2030, temos de considerar diferentes momentos e propostas. O primeiro ponto é pensar na educação e nas escolas.
- Precisamos também garantir a conexão entre os povos da cidade e os do campo ou da floresta.
- Ao pensarmos sobre o futuro, temos de correr contra o tempo. Precisamos investir em duas frentes: uma técnica e uma política.

Contexto e Aspirações

- Queremos parabenizar a FDC por essa iniciativa, voltada para sonharmos com um Brasil mais humano e voltado para todos.
- Temos a certeza de que esse sonho de uma vida melhor, em termos de presente e de futuro, pode ser pensado sempre com respeito à floresta e

a todas as riquezas que a natureza nos oferece no meio ambiente, como a água, os pássaros e a biodiversidade como um todo.

- Isso nos leva a reconhecer o valor do Brasil, em termos de seus potenciais, incluindo nossa cultura e nossa economia. É preciso dizer isso, pois muitas pessoas ainda acham que o meio ambiente é entrave ao desenvolvimento, sem levar em conta que ele representa o equilíbrio que pode fazer do Brasil um dos melhores países do mundo. Se todos reconhecessem e valorizassem isso, nosso país seria a grande liderança em termos de sustentabilidade.
- Dessa forma, não podemos ver o meio ambiente como o inimigo – pelo contrário, pois ele é um grande parceiro da nação para que ela desenvolva seus potenciais. Agora, realmente precisamos que a governança do Brasil reconheça e respeite todo esse potencial.
- Nesse sentido, nós, os povos indígenas, estamos sempre à disposição para contribuir para a realização desse sonho de fazer do Brasil um país sustentável e exemplar para os demais.
- Não podemos esquecer que o momento atual é muito difícil, em função da pandemia da Covid, para então passarmos para uma nova etapa que supere todas essas dificuldades.
- Enquanto povos indígenas, a gente tem um sonho, e não paramos de sonhar, por isso temos de persistir, resistir e ter uma resiliência muito forte em termos de manutenção de nossos territórios. Isso envolve as questões do nosso meio ambiente e da nossa sobrevivência. E elas englobam todo mundo – e não apenas os povos indígenas.
- Se preciso, nós daremos a nossa própria vida e faremos jorrar nosso sangue para garantir que a terra seja de todos, pensando sempre em dar uma resposta para a humanidade e para o mundo. Os povos indígenas e a sociedade brasileira como um todo têm uma grande responsabilidade e o compromisso de buscar um outro olhar, ter novas atitudes e quebrar paradigmas.
- A sociedade precisa criar uma força-tarefa, diante de tudo isso, que inclua os povos da floresta, os governantes e todo o poder público para que possamos mudar as coisas dentro dos territórios indígenas. Esse é um sonho que tem de ser mútuo e conjunto.
- O equilíbrio da natureza envolve muito a questão espiritual dos povos indígenas, para que a gente comece a enxergar o outro por dentro e por fora.

- Temos de sonhar com um Brasil melhor, sempre. Só quem está morto não sonha. Por isso, precisamos ter fé e acreditar no amor, pois sem ele não dá para viver. E, para isso, temos de nos preocupar em cuidar da mãe natureza, uma vez que, sem ela, não existe vida. Mas ela está sendo violentada de todas as formas pelas madeireiras que estão invadindo as nossas terras.
- Tudo isso machuca a nossa alma, que não para de chorar vendo as crianças nascerem com deformidades por causa de tanto mercúrio na água. Por causa disso, não só as crianças estão adoecendo, mas os velhos também.
- Nossa alma sangra muito porque sonhamos com o dia em que ninguém será melhor que o outro, por mais dinheiro que se tenha. A ganância está nos matando e os governos dizem que tanto faz, pois o importante é o agronegócio. O agro é pop, mas ele é assassino também. E só poderemos falar em Brasil melhor quando todos sentirem a dor do outro e se importarem com quem está sentindo fome.
- A gente enfrenta muitas situações difíceis, pois quando o madeireiro vem, a gente não tem armas; só temos machados para tentar nos defender da forma que der.
- Para falarmos do sonho de um Brasil melhor, temos de plantar e colher para fazer nossa aldeia ser autossustentável. E não podemos depender do governo, porque, para eles, somos um problema.
- Somos um dos coletivos de cinema aqui no Xingu e trabalhamos produzindo audiovisual. Desde que começamos a ONG, fazendo vídeos, nós tivemos essa oportunidade de registrar nossa cultura, nossa história, nossa língua e nossa realidade. O vídeo nas aldeias foi criado pelos indígenas para que todos possam ter uma escola de cinema e para documentarmos e exibirmos tudo.
- Dessa forma, podemos usar os vídeos como luta, como educação e como memória do povo – e levar tudo isso aos não indígenas. Temos de mostrar como nossa terra é cercada pelo agronegócio, com muita plantação de soja, com muito agrotóxico e assoreamento.
- Nós podemos mostrar tudo isso para as outras comunidades indígenas, para que todos se tornem protagonistas de sua própria história através do audiovisual. Temos de fazer esse movimento lá em Brasília também.

- Acho que a gente está vivendo um momento muito ruim no Brasil e no mundo, não só pela pandemia, mas também pela presença dos extrativistas junto aos povos indígenas.
- Nossos rios, nossas florestas e nossas posses estão sendo disputadas com quem está governando. Esse momento parecia ter passado, mas ele voltou de forma muito ruim. A gente fica assustado de pensar em acordar e ver uma draga passando perto e trabalhando em frente das nossas comunidades. E nós não temos força para ir lá e pedir para retirarem.
- Uma de nossas esperanças é conseguir ter uma escola dentro da nossa própria comunidade para melhorar o pensamento dos jovens. Uma escola onde os temas seriam trabalhados sempre levando em conta a vivência dos jovens. Um lugar que não ensina só matemática e português, mas que de fato ensine as pessoas a sobreviverem junto com a floresta.
- Hoje, as escolas das populações tradicionais, principalmente as ribeirinhas, só trazem temas que são da cidade e não têm a ver com a nossa realidade. Nossa esperança é fazer com que o jovem consiga aprender a ganhar dinheiro, mas também a lidar melhor com a floresta.
- Temos de lutar por políticas que nos levem a ter uma escola e uma faculdade na própria comunidade, com energia e internet, pois hoje as pessoas precisam disso.
- Precisamos fazer coisas como manejar uma floresta e melhorar o tratamento de uma semente ou uma planta.
- Um outro ponto, que chamamos de aspiração, é a questão dos territórios. A gente precisa entender que as populações tradicionais precisam de fato ter uma garantia de poder habitar um lugar de onde não sejam expulsas amanhã, não sejam obrigadas a sair por aí sem meios de sobrevivência.
- Temos esperança de conseguir trabalhar e construir comunidades bem estruturadas para os nossos filhos, que também precisam crescer e conhecer melhor o mundo.
- Precisamos também estar presentes nos conselhos municipais e estaduais, para que a gente ocupe espaços de tomada de decisão e de questionamento. Vai chegar uma hora em que a gente vai poder ter voz no momento em que se decide para onde vão os investimentos.
- Nós já vivemos momentos em que os povos indígenas, os povos ribeirinhos e os seringueiros, entre outros, tinham um trabalho muito mais conectado. Agora, por conta da sobrevivência e por causa das mudanças do mundo, a gente está desconectado, e cada um cuida de sua

sobrevivência individual, com pouco tempo para se dedicar às questões mais coletivas e a um movimento mais amplo.

- Não podemos também de deixar de pensar na questão do consumo consciente. Nós falamos tanto em preservar nossas florestas e nossos rios, mas, às vezes, vamos ao supermercado e levamos um monte de coisas que comemos e que também desperdiçamos e jogamos fora.
- A gente precisa pensar que, hoje, quanto menor o nosso consumo, mais a gente vai poder frear a questão da pecuária, das fazendas de soja e de outros produtos que estão ameaçando as nossas florestas.
- Alguns pontos nessas conversas são essenciais para nós, indígenas, realizarmos nosso sonho de Brasil. O primeiro deles é conseguirmos ter um desenvolvimento sustentável e responsável para os povos indígenas. Isso precisa ser feito pelas duas partes, envolvendo os órgãos governamentais e o movimento indígena, por meio das articulações políticas.
- Sabemos que, na falta das políticas públicas de responsabilidade dos governos municipal, estadual e federal, nós acabamos, constantemente, assumindo muitas dessas ações que deveriam ser do setor público.
- A gente espera ainda por um Brasil que tenha essa responsabilidade e esse compromisso com as causas sociais. Isso vai acontecer se os governos e todos os parceiros respeitarem o Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) de cada região e de cada povo indígena, para melhorar a participação de todos, como os homens, as mulheres e os jovens dos vários segmentos.
- Só assim nós teremos autonomia própria, seja ela política ou técnica, de modo a nos empoderarmos de fato. Não há como ter autonomia isolada.
- Precisamos também viver sem violência, com respeito aos direitos dos povos indígenas e dos defensores do meio ambiente. Nos últimos anos, especialmente nós, as mulheres indígenas, estamos sendo atacadas e tendo nossos direitos violados. Isso porque as mulheres estão indo à luta nos estados e mesmo em nível nacional e internacional, levando nossas bandeiras e defendendo nossos territórios.
- E, quando fazemos isso, não estamos defendendo apenas um pedaço de chão, mas sim todo esse ecossistema que faz parte do bem viver dos povos indígenas dentro dos seus territórios – seja nas terras demarcadas ou nas não demarcadas. Afinal, estamos também nas áreas urbanas e metropolitanas.

- Esta é a nossa realidade. Por isso, tudo depende de como as pessoas, as famílias, as mulheres e as lideranças se organizam. Este é, então, o sonho de Brasil que esperamos ter.
- Não queremos um Brasil que continue sendo de cima para baixo, pois o governo precisa ouvir todos.
- Há uma experiência interessante no Xingu que merece registro. É o Plano de Consulta, criado pelas lideranças dos 16 povos da nossa região. Nele, reunimos as opiniões de cada povo para podermos nos organizar e saber o pensamento de cada um. Com isso, podemos discutir as melhores formas de proteção para todos.
- Esse Plano é muito importante, porque há muitos governos querendo, realmente, atropelar os povos indígenas. Agora, por exemplo, estão aprovando a mineração na terra indígena sem nos consultar. Essa iniciativa ajuda a unir todos que estão lutando pelas causas indígenas no Brasil.
- Temos de lutar contra os que tentam entrar no nosso meio, como madeireiros e garimpeiros. Sem falar que há também muito indígena querendo tirar suas riquezas de dentro da sua aldeia. Com o Plano, podemos, todos juntos, lutar contra os nossos inimigos.
- Até hoje, ainda não temos rede de eletricidade no Xingu. O governo criou um projeto para que as aldeias que não têm rede elétrica possam implantar energia solar. Mas isso tem, realmente, de ser discutido, pois o governo não pode ir lá e, simplesmente, fazer isso sem nos consultar; é preciso ir para ver o que realmente é bom para o povo indígena ou o que vai trazer pontos negativos, prejudicando mais que ajudando e também gerando ainda mais problemas para a aldeia.
- Não podemos ir quebrando nossa cultura, porque a realidade do branco é outra. Nós não temos, por exemplo, evangelização dentro do Xingu, mas agora eles estão entrando. Quando a evangelização chega às aldeias, a cada semana tem um culto.
- Não estamos falando mal de outros povos indígenas, mas apenas da nossa realidade e da perda da cultura. Podem querer, por exemplo, que o índio vista roupa, porque tudo é visto como pecado. Isso muda os costumes e pode criar conflitos dentro da aldeia. A eletricidade e a evangelização são exemplos do que pode acontecer. Temos de tomar cuidado com outras coisas também, como a comercialização de produtos industrializados nas aldeias.

- Ao fazer os planos para 2030 ou 2040, temos de considerar diferentes momentos e propostas. O primeiro ponto é pensar na educação e nas escolas, para podermos trabalhar a questão da consciência de cada cidadão, especialmente os que vão estar à frente das tomadas de decisão na sociedade no futuro. Podemos fazer as mudanças para interferir na forma de educar as pessoas.
- Em outro momento, temos de pensar na questão da juventude. Precisamos desenvolver um caminho para que os jovens possam trabalhar e garantir seus empregos. Afinal, todo mundo quer estar empregado e ter bem-estar, especialmente nas cidades. Os jovens se orgulham do que fazem e o trabalho ajuda na autoestima.
- E as pessoas querem também se sentir importantes do ponto de vista da contribuição que podem trazer para a sociedade brasileira e para o mundo. Temos de pensar em tudo isso em termos de futuro, tanto para os povos indígenas como para os não indígenas.
- Precisamos também garantir a conexão entre os povos da cidade e os do campo ou da floresta. Isso é importante porque muita gente da cidade não consegue enxergar para fora. Cerca de 80% do povo de Manaus, por exemplo, não conhece sequer um metro de fora do ambiente da cidade e, por isso, não consegue entender porque é importante conservar a floresta.
- Eles até assistem na TV ou ouvem alguém falar, mas não têm vivência na vida fora da cidade. Acham que Manaus é só uma zona franca. Ao pensarmos no futuro, temos de mudar essa forma de pensar.
- Para isso, é fundamental fazer a cidade enxergar a floresta, especialmente a que está ao seu lado. Isso é importante para fazermos essa conexão das pessoas com as políticas de conservação dos rios, da floresta e do ar.
- Ao pensarmos sobre o futuro, temos de correr contra o tempo. Precisamos, desde já, investir na formação de duas frentes: uma técnica e uma política. Para isso, temos, primeiro, de parar de reclamar da vida e, depois, investir em iniciativas que promovam duas coisas importantes: a autonomia e sustentabilidade socioeconômica, cultural e ambiental dos povos indígenas.
- Por outro lado, temos de pensar também em estratégias para desenvolver cadeias produtivas junto aos povos indígenas, independentemente de ver quem mora nos territórios ou nas áreas urbanas.

- E, por fim, ao pensarmos nesse futuro, precisamos ter também um olhar diferenciado para essas famílias indígenas que vivem nas cidades ou nos grandes distritos com mais de sete mil famílias, especialmente as que se encontram nas faixas de fronteiras.